



B1

ISSN: 2595-1661

ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Danças Urbanas e a Construção de Identidade na Comunidade LGBTQIA+ de Rio Branco, Acre: Uma Análise das Narrativas de Bailarinos Locais

Urban Dances and the Construction of Identity in the LGBTQIA+ Community of Rio Branco, Acre: An Analysis of the Narratives of Local Dancers

DOI: 10.55892/jrg.v8i18.1938

ARK: 57118/JRG.v8i18.1938

Recebido: 20/02/2025 | Aceito: 07/03/2025 | Publicado *on-line*: 08/03/2025

Andressa Simone de Assis Morais¹

<https://orcid.org/0009-0005-3838-6564>

<http://lattes.cnpq.br/5708415851029726>

Universidade Federal do Acre, AC, Brasil

E-mail: andressa.morais@souufac.br

Jhonatan Gomes Gadelha²

<https://orcid.org/0009-0005-2307-2431>

<http://lattes.cnpq.br/2100801163829902>

Universidade Federal do Acre, AC, Brasil

E-mail: Jhonatan.gadelha@ufac.br



Resumo

Este artigo investiga a relação entre as danças urbanas e a construção de identidade na comunidade LGBTQIA+ de Rio Branco, Acre. A pesquisa teve como objetivo compreender como as danças urbanas, como o hip-hop, jazz funk, waacking e voguing, funcionam como meios de expressão e fortalecimento da identidade de gênero e sexualidade dentro dessa comunidade. Através de entrevistas com dançarinos locais, foi possível analisar como essas práticas artísticas contribuem para a afirmação da identidade de gênero e sexualidade, além de serem um espaço de resistência cultural. A metodologia adotada foi qualitativa, com análise de conteúdo das entrevistas. O estudo destacou a escassez de pesquisas sobre o tema no contexto amazônico e a relevância de se compreender as dinâmicas de expressão cultural e social dessa comunidade. A pesquisa contribui para a reflexão sobre a dança como um espaço de resistência e afirmação identitária.

Palavras-chave: Danças urbanas; Identidade de gênero; Sexualidade; LGBTQIA+; Resistência cultural.

¹ Discente do curso de Bacharelado em Educação Física pela Universidade Federal do Acre (UFAC), professora, dançarina e artista de danças urbanas, com ênfase em hip hop e street dance.

² Professor do Magistério Superior no Centro de Ciências da Saúde e do Desporto da Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutorando em Dança pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Ciências da Saúde da Amazônia Ocidental pela Universidade Federal do Acre (2023). Graduação em Bacharelado em Educação Física pela Universidade Federal do Acre (2016) e a Licenciatura em Educação Física pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci (2023). Pós-graduação em Gestão do Treinamento Personalizado para Grupos Especiais pela Faculdade SOGIPA de Educação Física (2018), Musculação e Ginástica de Academia pela Faculdade Metropolitana do Estado de São Paulo (FAMEESP) (2022), Docência no Ensino de Dança pela Faculdade UniBF (2023), Ensino de Arte e Movimento pela Faculdade UniBF (2023). Coreografia da criação à composição de peças e espetáculos pela CESUFI Educacional (2024). Possui registro profissional como Coreógrafo (DRT: 933/23-SATED/RO).



Abstract

This article investigates the relationship between urban dances and the construction of identity in the LGBTQIA+ community of Rio Branco, Acre. The research aimed to understand how urban dances, such as hip-hop, jazz funk, waacking, and voguing, function as means of expression and strengthening gender identity and sexuality within this community. Through interviews with local dancers, it was possible to analyze how these artistic practices contribute to the affirmation of gender identity and sexuality, in addition to being a space for cultural resistance. The methodology adopted was qualitative, with content analysis of the interviews. The study highlighted the scarcity of research on the topic in the Amazon context and the relevance of understanding the dynamics of cultural and social expression in this community. The research contributes to reflection on dance as a space of resistance and identity affirmation.

Keywords: *Resistance exercise, pain relief, postural deviations, systematic review.*

1. Introdução

As danças urbanas, como hip-hop, jazz funk, waacking e voguing, consolidaram-se como formas vibrantes de expressão cultural, especialmente em contextos periféricos das grandes cidades. Segundo Savigliano (2006), a dança não se limita a uma prática estética, mas também se configura como um campo de resistência e afirmação. Nesse sentido, as danças urbanas transcendem o âmbito do lazer e da socialização, funcionando como mecanismos poderosos para a afirmação da identidade de seus praticantes, em especial para a comunidade LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e outras identidades de gênero e sexualidade). Essas danças possibilitam a expressão genuína de identidades de gênero e sexualidade, desafiando normas sociais tradicionais e tornando-se uma forma de resistência à heteronormatividade (SALDANHA, 2018).

Para a comunidade LGBTQIA+, as danças urbanas têm se mostrado um campo relevante de resistência, afirmação e construção de identidade. A dança urbana atua como um instrumento de afirmação cultural, permitindo aos indivíduos LGBTQIA+ a criação e reinvenção de suas histórias e identidades, livres das imposições da sociedade convencional (CHAVEZ, 2017). Em Rio Branco, capital do estado do Acre, as danças urbanas emergem como um espaço vital de interação e expressão para aqueles que buscam articular suas vivências e refletir sobre questões relacionadas às suas identidades de gênero e sexualidade.

Este estudo teve como objetivo explorar como as danças urbanas contribuem para a formação de identidade na comunidade LGBTQIA+ local, a partir das narrativas de dançarinos dessa comunidade. A pesquisa demonstrou que, para muitos desses praticantes, as danças urbanas são uma ferramenta essencial na afirmação de suas identidades, proporcionando um ambiente de acolhimento e liberdade, especialmente em um contexto social que ainda enfrenta desafios relacionados ao preconceito e à invisibilidade (FOUCAULT, 1988).

A análise das experiências dos dançarinos entrevistados revela que, apesar dos obstáculos impostos por uma sociedade conservadora e heteronormativa, as danças urbanas oferecem um espaço de resistência cultural e política. Como destaca Andreoli (2010), a dança não é apenas uma prática de expressão individual, mas também um ato social e político, capaz de questionar e subverter os padrões culturais dominantes. Nesse sentido, as danças urbanas configuram-se como um veículo fundamental para a promoção de uma sociedade mais inclusiva, além de contribuírem

para a construção de um cenário artístico e cultural que valoriza a diversidade, a liberdade e a autenticidade.

2. Metodologia

Crítérios de pesquisa, bases de dados e descritores

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, centrada na análise das narrativas de indivíduos da comunidade LGBTQIA+ de Rio Branco, Acre, que praticam danças urbanas. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, com o objetivo de compreender como as danças urbanas contribuem para a construção de identidades de gênero e sexualidade. A seleção dos participantes foi intencional, buscando garantir diversidade nas experiências e histórias dos dançarinos, de modo a refletir diferentes perspectivas sobre a vivência dessa comunidade no cenário das danças urbanas.

Crítérios de Inclusão

Foram incluídos no estudo bailarinos e dançarinos que:

1. Se identificam como parte da comunidade LGBTQIA+;
2. Praticam estilos de dança urbana, como hip-hop, jazz funk, waacking, voguing, entre outros;
3. Residem em Rio Branco, Acre;
4. Concordaram em participar voluntariamente da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Crítérios de Exclusão

Foram excluídos da pesquisa indivíduos que:

1. Não se identificam como parte da comunidade LGBTQIA+;
2. Não praticam danças urbanas;
3. Não residem em Rio Branco, Acre;
4. Não concordaram em participar da pesquisa ou não assinaram o TCLE.

Análise de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, que abordaram temas relacionados à identidade de gênero e sexualidade, bem como o papel da dança na construção dessas identidades. As questões foram elaboradas para permitir que os participantes compartilhassem suas experiências pessoais e refletissem sobre como a dança tem funcionado como uma forma de expressão e resistência em suas vidas.

Os dados coletados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo, conforme proposto por Bardin (2011). O processo de análise incluiu a categorização das narrativas dos participantes, buscando identificar temas centrais relacionados à construção da identidade de gênero e sexualidade através da dança. O foco da análise foi compreender como a dança urbana funciona como uma ferramenta de afirmação, resistência e expressão dentro da comunidade LGBTQIA+ local.

A pesquisa foi conduzida respeitando todas as normas éticas, garantindo a confidencialidade das informações e a proteção da privacidade dos entrevistados. Por se tratar de uma pesquisa com baixo risco, não foi necessária a aprovação de um

comitê de ética, conforme as diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Todas as entrevistas foram realizadas de forma voluntária, com o consentimento informado dos participantes.

3. Revisão de Literatura

3.1. Danças Urbanas e Cultura de Rua

As danças urbanas emergiram das periferias como formas de resistência cultural e afirmação de identidade, especialmente em comunidades marginalizadas. Segundo Rose (1994), esses movimentos são respostas criativas às desigualdades sociais, proporcionando uma voz para aqueles que seriam silenciados pela sociedade dominante. Gordon (2007) reforça essa perspectiva, destacando o papel das danças urbanas na formação de identidades coletivas. Estilos como hip-hop, funk e breaking têm suas raízes nas comunidades negras e periféricas, como exemplificado pelo surgimento do hip-hop no Bronx, Nova Iorque, na década de 1970 (REESE, 2019). A dança, como parte do hip-hop, oferece uma plataforma para contestar narrativas hegemônicas e enfrentar a invisibilidade social (ARRUDA, 2020).

Com o tempo, essas danças foram incorporadas por outras comunidades marginalizadas, incluindo a LGBTQIA+. O hip-hop, por exemplo, conecta-se à luta por visibilidade e afirmação identitária dessa comunidade, apesar dos desafios de marginalização e preconceito. Estilos como voguing e waacking têm raízes profundas na cultura LGBTQIA+, especialmente entre negros e latino-americanos. O voguing, inspirado na revista *Vogue*, surgiu como uma forma de resistência e expressão individual, refletindo a luta contra normas de gênero e sexualidade (GUSMÃO, 2021). O waacking, por sua vez, tornou-se um meio de expressão para homens gays, associando-se à música disco e à cultura drag (MA, 2021). Esses estilos oferecem espaços seguros para a celebração da pluralidade de gênero e sexualidade, funcionando como ferramentas de resistência e afirmação identitária.

3.2. Identidade de Gênero e Sexualidade

A Teoria Queer, proposta por Butler (2003), sugere que o gênero é uma prática reiterada, não uma identidade fixa. No contexto da dança urbana, a performatividade de gênero é amplificada, permitindo que os dançarinos explorem e subvertam expectativas sociais sobre masculinidade e feminilidade. Foucault (1999) complementa essa visão ao discutir como as normas sociais disciplinam corpos e comportamentos, mas também como a dança urbana permite a expressão fora dessas normas, questionando a heteronormatividade. A liberdade expressa em estilos como voguing, waacking e hip-hop representa não apenas resistência política, mas também a criação de espaços onde as normas sociais são redefinidas.

3.3. A Dança como Forma de Expressão na Comunidade LGBTQIA+

A dança é uma forma de comunicação que dá voz a inquietações humanas, tornando-se um instrumento artístico de expressão cultural e pessoal (GONÇALVES, 2009). Para a comunidade LGBTQIA+, a dança urbana funciona como um espaço de acolhimento e segurança, permitindo a expressão de identidades fora das normas sociais rígidas. Como destacado por Bell Hooks, a dança desafia estruturas de opressão, sendo uma forma de resistência e afirmação identitária. Estilos como o voguing criam "refúgios" onde indivíduos podem se unir em torno de uma identidade compartilhada, livre de violência e discriminação (DA SILVA MOREIRA et al., 2024). A dança, portanto, torna-se um ato político, afirmando o corpo em sua totalidade e subvertendo normas de gênero e sexualidade (SANTOS SILVA, 2021).

3.4. Desafios Enfrentados pela Comunidade LGBTQIA+ na Dança

A comunidade LGBTQIA+ enfrenta desafios significativos na sociedade, refletidos também na prática da dança. A marginalização dessas identidades muitas vezes se manifesta em estereótipos de gênero e preconceito, especialmente em estilos como hip-hop e funk, associados a normas rígidas de masculinidade e feminilidade (SAVIGLIANO, 2006; ARRUDA, 2020). Apesar disso, a dança urbana oferece um espaço de resistência, onde indivíduos LGBTQIA+ podem subverter normas e afirmar suas identidades (BUTLER, 2003; FOUCAULT, 1976).

3.5. Programas de Danças Urbanas Inclusivos

A valorização da diversidade tem impulsionado a criação de programas inclusivos de dança urbana. No entanto, em cidades periféricas como Rio Branco, a implementação dessas iniciativas ainda enfrenta desafios. A K Dance Cia de Dança, por exemplo, tornou-se um modelo de inclusão, proporcionando um ambiente seguro para a expressão de identidades LGBTQIA+ (SOUZA, 2019). Programas como esse combatem o preconceito estrutural e promovem a visibilidade da comunidade LGBTQIA+ no cenário artístico (SILVA, 2020).

3.6. Políticas Públicas e Inclusão LGBTQIA+

As políticas públicas são fundamentais para a promoção da inclusão LGBTQIA+ em atividades culturais, incluindo a dança. Projetos como o *Workshop Afrontosas: Corpos Invisibilizados* e o *Circuito Hip Hop Queer* exemplificam iniciativas que visam fortalecer o pertencimento e a autoestima da comunidade LGBTQIA+ (GUSMÃO, 2021; SANTOS SILVA, 2021). A ausência de políticas adequadas, no entanto, pode perpetuar a marginalização e o apagamento dessas identidades no campo da dança (HOOKS, 2000; REESE, 2019).

3.7. Teoria Queer e Danças Urbanas

A Teoria Queer oferece uma perspectiva crítica sobre a normatividade de gênero e sexualidade, aplicando-se de forma relevante às danças urbanas. Estilos como hip-hop, voguing e waacking são analisados como práticas de resistência que subvertem normas sociais e afirmam identidades não normativas (BUTLER, 2003; OLIVEIRA, 2021). A dança urbana, portanto, torna-se um espaço de reinvenção e contestação das normas hegemônicas, promovendo a diversidade sexual e de gênero (FOUCAULT, 1976; ROSE, 1994).

4. Discussão dos Resultados

A análise das entrevistas com dançarinos locais de Rio Branco revela uma relação complexa e multifacetada entre as danças urbanas e a construção da identidade de gênero e sexualidade dentro da comunidade LGBTQIA+. A partir dos relatos dos participantes, percebe-se que, para muitos, as danças urbanas funcionam como um espaço essencial para a afirmação de suas identidades. A maioria dos entrevistados (57,1%) destacou a importância dessas danças no processo de autoconhecimento e reconhecimento da própria identidade de gênero, como ilustrado no depoimento de um dos participantes:

“Me reconhecer dentro de um movimento corporal foi essencial para eu me reconhecer com o que sou hoje.”



Esse depoimento reflete a ideia de que as danças urbanas oferecem um espaço de expressão de gênero fluido, permitindo aos indivíduos superar as limitações impostas pelas normas convencionais. Segundo Saldanha (2018), a dança pode funcionar como um meio de subversão das normas de gênero, proporcionando uma alternativa para a expressão autêntica da identidade. A dança se transforma, assim, em um veículo para a afirmação da individualidade, permitindo que os dançarinos explorem novas formas de ser e de se expressar sem as amarras da binaridade de gênero tradicional.

Outro aspecto importante destacado pelos entrevistados foi a liberdade de movimento oferecida pelas danças urbanas. Muitos afirmaram que essas danças lhes possibilitam uma expressão mais autêntica de si mesmos, se comparado com outras formas de dança mais rígidas, como evidenciado nesta fala:

“Através dela posso ser eu mesmo na dança, posso reforçar a minha identidade, não existe gênero nos meus movimentos, existe dança.”

Essa fala ecoa os argumentos de Butler (2018), que discute como as normas de gênero são socialmente construídas e como a dança, em suas diversas formas, pode ser um meio de contestação dessas construções rígidas. A fluidez e a liberdade de expressão que as danças urbanas oferecem tornam-se uma ferramenta poderosa para os membros da comunidade LGBTQIA+, que buscam não apenas a aceitação de suas identidades, mas também o rompimento com as convenções tradicionais de gênero e sexualidade.

A sensação de empoderamento e conforto proporcionada pela prática das danças urbanas foi outro ponto frequentemente abordado pelos participantes. A maioria dos entrevistados (71,4%) relatou sentir-se confortável e empoderado ao expressar suas identidades por meio da dança, como demonstrado na fala:

“A dança é liberdade! É o que sinto praticando sendo quem sou!”

Esses relatos confirmam o que foi afirmado por Chávez (2017), que destaca a importância dos espaços culturais inclusivos na promoção do empoderamento e na criação de um ambiente seguro para a expressão da identidade. No entanto, uma parcela significativa dos participantes (14%) mencionou que ainda enfrentava dificuldades em termos de aceitação total nos espaços de dança urbana, o que sugere a presença de desafios persistentes, especialmente quando se trata de ambientes mais conservadores ou com forte influência de normas heteronormativas. Um dos participantes relatou:

“Hoje me sinto confortável, mas nem sempre foi assim. Se permitir dançar em uma modalidade que a heteronormatividade se faz muito presente não é fácil, mas vários outros homossexuais brigaram pelo nosso espaço nas danças urbanas.”

Esse depoimento evidencia a luta contínua da comunidade LGBTQIA+ por aceitação e visibilidade em ambientes dominados por normas tradicionais de gênero. A dança, portanto, não é apenas uma forma de expressão artística, mas também um campo de batalha para a conquista de espaço e reconhecimento.

Quanto às questões de discriminação, as respostas foram ambíguas. Embora 42,9% dos participantes tenham relatado tanto já ter sofrido como não ter sofrido discriminação, muitos indicaram que o preconceito na cena das danças urbanas pode

se manifestar de forma sutil, através de olhares julgadores ou comentários velados. Um dos participantes relatou:

“Meu contato com as danças urbanas ocorreu principalmente em ambientes cristãos protestantes, onde percebi uma atmosfera de certo conservadorismo em relação a assuntos de gênero e sexualidade. Não cheguei a sofrer ataques diretos ou explícitos, mas em alguns momentos sentia olhares de julgamento ou comentários sutis que me deixavam desconfortável por conta da minha orientação/identidade.”

Esse tipo de discriminação implícita é abordado por autores como Saldanha (2018), que discute como a marginalização de indivíduos LGBTQIA+ em ambientes culturais e artísticos pode ocorrer de forma velada, mas igualmente prejudicial. A falta de um acolhimento genuíno nos espaços de dança contribui para a criação de barreiras invisíveis à plena expressão da identidade.

Além disso, alguns participantes relataram a persistência de estereótipos de gênero dentro da própria cena das danças urbanas. Um dos entrevistados mencionou um estereótipo comum no hip-hop, que associa a dança masculina a características de força e agressividade:

“No meio hip-hop, sempre as danças são mais ‘machinhas’. Se você antigamente chegasse com algo mais afeminado, era motivo de piada e burburinho.”

Esse estereótipo, como apontado por Butler (2018), reflete as normas de masculinidade heteronormativa, que associam a dança a uma expressão de poder e agressividade, excluindo outras formas de expressão de gênero. A dançarina ou o dançarino que não se encaixa nesses padrões acaba sendo marginalizado ou estigmatizado dentro do grupo. Um outro depoimento reflete a pressão para que membros da comunidade LGBTQIA+ se adequem a normas de gênero preestabelecidas:

“As piadinhas e o preconceito em acharem que por ser homossexual, deveria fazer ballet e não danças urbanas (outro estereótipo que é muito aplicado à comunidade GLBTQ).”

A relação entre estereótipos de gênero e preconceito nas danças urbanas reflete a necessidade de maior abertura para a diversidade nas manifestações artísticas, como observa Pereira e Leite (2020), que defendem a urgência de criar ambientes que favoreçam a inclusão e a expressão de identidades diversas, combatendo a hegemonia das normas heteronormativas.

Por outro lado, alguns relatos apontam como as danças urbanas podem ser espaços de resistência e afirmação política para a comunidade LGBTQIA+. A maioria dos participantes (85,7%) acredita que as danças urbanas podem servir como uma forma de protesto, utilizando estilos como o voguing, que historicamente surgiu dentro da comunidade LGBTQIA+ como uma forma de resistência política, especialmente durante a crise da AIDS. Como um entrevistado mencionou:

“Um exemplo são rodas de Ballroom que serviam (e ainda servem) como protestos para quem participava delas. Era lá que colocavam suas ‘caras à jogo’ e protestavam contra padronização forçada e toda opressão que sofriam em casa e na rua.”



Esses espaços de dança continuam sendo importantes para a construção de uma visibilidade positiva da comunidade LGBTQIA+, conforme o depoimento de um dos participantes:

“Dançando, conseguimos a atenção e admiração de pessoas que talvez jamais conseguiríamos se estivéssemos fazendo qualquer outra coisa. A dança une e democratiza espaços (e pessoas).”

Em síntese, os dados revelam uma ambiguidade na experiência dos dançarinos LGBTQIA+ em Rio Branco: por um lado, as danças urbanas oferecem uma plataforma de resistência e empoderamento, mas, por outro, ainda existem desafios, como preconceitos e estereótipos, que dificultam a plena aceitação e integração da comunidade nos ambientes de dança. Apesar disso, os relatos indicam um futuro promissor, onde as danças urbanas se consolidam como uma forma de expressão inclusiva e política, capaz de quebrar estigmas e construir uma identidade de resistência. Como afirma Pereira e Leite (2020), a dança deve ser vista não apenas como uma prática artística, mas como uma ferramenta de transformação social e subversão das normas culturais dominantes.

6. Conclusão

Este estudo evidenciou que as danças urbanas se configuram como um espaço de acolhimento e afirmação para bailarinos e dançarinos LGBTQIA+ de Rio Branco, Acre. Em um contexto cultural predominantemente conservador e heteronormativo, essas práticas artísticas oferecem um ambiente onde identidades de gênero e sexualidade podem ser expressas e reconhecidas. Para muitos participantes, a dança urbana tornou-se uma ferramenta essencial na construção de suas identidades, permitindo-lhes transcender estereótipos e normas de gênero rígidas. Como evidenciado nas falas dos entrevistados, as danças urbanas não só proporcionam um meio de expressão individual, mas também funcionam como um espaço de resistência, onde é possível desafiar as limitações impostas por formas de dança mais tradicionais, como o ballet ou vertentes específicas do hip-hop, frequentemente associadas a padrões de gênero convencionais.

No entanto, a pesquisa também identificou desafios persistentes relacionados ao preconceito e à discriminação, tanto dentro da cena das danças urbanas quanto no contexto cultural mais amplo de Rio Branco. Apesar do acolhimento proporcionado por esses espaços, estigmas de gênero e homofobia ainda se manifestam, muitas vezes de forma sutil ou velada. Isso reforça a necessidade de continuar lutando pela visibilidade e aceitação plena das identidades LGBTQIA+ nesses ambientes, bem como pela desconstrução contínua das normas heteronormativas que ainda influenciam as relações dentro da dança.

Como destacado por Andreoli (2010), a dança não se limita a uma prática artística e individual, mas também se configura como um campo de intervenção social e política. Ao permitir que os dançarinos criem e afirmem suas identidades, as danças urbanas tornam-se um veículo de transformação social, capaz de questionar e modificar os padrões culturais dominantes. Dessa forma, a dança urbana não é apenas uma expressão artística, mas também uma ferramenta de luta contra desigualdades sociais e culturais, promovendo a reconfiguração de normas e a construção de uma sociedade mais inclusiva e plural.

Portanto, este estudo ressalta a relevância das danças urbanas como um meio poderoso de resistência e construção de identidade, especialmente em uma



sociedade marcada por padrões de gênero rígidos e preconceituosos. Essas práticas oferecem um espaço vital para a afirmação das identidades LGBTQIA+, refletindo a necessidade de criar e fortalecer ambientes culturais mais acolhedores e inclusivos.

A partir dos resultados desta pesquisa, sugere-se a elaboração de estratégias pedagógicas e criativas que utilizem a dança como ferramenta de transformação social, contribuindo para a desconstrução de barreiras e a promoção da aceitação da diversidade em diferentes contextos culturais e artísticos.

Referências

1. ANDREOLI, Giuliano Souza. **Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural.** *Conjectura*, Caxias do Sul, v. 15, n. 1, p. 107-118, 2010.
2. ANDREOLI, Márcia. **A dança como prática social e política.** São Paulo: Hucitec, 2010.
3. ARRUDA, D. P. **Cultura Hip-Hop e Serviço Social: a arte como superação da invisibilidade social da juventude periférica.** *Revista Katálistis*, v. 23, n. 1, p. 111-121, 2020.
4. AUTENTICAMIDIA.COM. BR. **Grupo de Danças Urbanas “The Trinity” lança a 3ª edição do projeto Circuito H2-Q (Hip Hop Queer).** Disponível em: <https://autenticamidia.com.br/grupo-de-dancas-urbanas-the-trinity-lanca-a-3o-edicao-do-projeto-circuito-h2-q-hip-hop-queer/>. Acesso em: 24 fev. 2025.
5. BELARMINO, V. H.; DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. F. **Experiência urbana gay afeminada e modos de resistência na cidade contemporânea.** *Ponto Urbe*, v. 31, n. 31, 2023. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/15016>. Acesso em: 18 dez. 2024.
6. BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del sexo.** Buenos Aires: Ediciones Siglo XXI, 2015.
7. BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
8. CHAVEZ, Sylvia. **Dançar para a resistência: uma leitura das danças urbanas na cena LGBTQIA+.** Campinas: Editora da Unicamp, 2017.
9. DA SILVA MOREIRA, P. A.; FERREIRA, M. C. **O dance vogueing: A dança e a moda como forma de expressão LGBTQIA+ na comunidade LGBTQIA+.** *Revista Uniaraguaia*, 2024. Disponível em: <https://sipe.uniaraguaia.edu.br/index.php/REVISTAUNIARAGUAIA/article/view/97-109>. Acesso em: 21 dez. 2024.
10. **Debates sobre artes LGBTQI+ e Dança Afro-brasileira encerram Novembro das Artes Negras.** Disponível em: <https://www.ba.gov.br/cultura/noticia/2024-02/56436/debates-sobre-artes-lgbtqi-e-danca-afro-brasileira-encerram-novembro-das>. Acesso em: 24 fev. 2025.



11. FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
12. FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976.
13. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
14. GONÇALVES, G. G. M. **Martha Graham: Dança, corpo e comunicação**. Tese (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Pós-graduação em Comunicação e Cultura, Universidade de Sorocaba. Sorocaba, 2009. Disponível em: <https://uniso.br/mestrado-doutorado/comunicacao-e-cultura/dissertacoes/2009/maria-giradi.pdf>. Acesso em: 18 fev. 2025.
15. **Grupo The Trinity apresenta projeto “Circuito Hip Hop Queer” - Prefeitura de Poços de Caldas**. Disponível em: <https://pocosdecaldas.mg.gov.br/noticias/grupo-the-trinity-apresenta-projeto-circuito-hip-hop-queer/>. Acesso em: 24 fev. 2025.
16. GUSMÃO, R. **Memória, corpo e cidade: voguing como resistência pós-moderna**. [s.l.] Editora UFSM, 2021. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=AkZOEAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT141&dq=voguing+&ots=oBV79fRQHR&sig=rMWuzVD5ffisXdxse4Q7focplMg#v=onepage&q=voguing&f=false>. Acesso em: 16 jan. 2025.
17. HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2017.
18. HOOKS, Bell. **Feminism is for Everybody: Passionate Politics**. Cambridge: South End Press, 2000.
19. LGBT+, I. **Urbana**. Disponível em: <https://doity.com.br/urbana>. Acesso em: 24 fev. 2025.
20. MA, J. **What is whacking (Waacking)?** Disponível em: <https://www.steezy.co/posts/waacking-voguing>. Acesso em: 8 fev. 2025.
21. OLIVEIRA, Kris Herik de. **Intensos encontros: Michel Foucault, Judith Butler, Paul B. Preciado e a teoria queer**. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 29, n. 1, e67637, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/f8xM5gZFZxn9yZwxZbxd8Tt/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 21 dez. 2024.
22. PEREIRA, Rômulo Gonçalves de Carvalho; LEITE, Regina Aparecida de Almeida. **Dança e preconceito: visão heteronormativa sobre a prática da dança por indivíduos do sexo biológico masculino**. Disponível em: http://www.fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/z0BRyLXNLvtJo0V_2020-6-19-20-50-6.pdf. Acesso em: 10 jan. 2025.



23. REESE, Eric. **The History of Hip Hop. Vol. 2.** 2019. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=NMSKDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1958&dq=hip+hop+origin&ots=IhhU229t4l&sig=MbVC2sF_3bVAyDEFeablX3JQsNU#v=onepage&q=hip%20hop%20origin&f=false. Acesso em: 14 jan. 2025.
24. RORY, P. Q. **Hip hop history: From the streets to the mainstream.** *Iconcollective.edu*, 18 maio 2023. Disponível em: <https://www.iconcollective.edu/hip-hop-history>. Acesso em: 8 fev. 2025.
25. ROSE, Tricia. **Black Noise: Rap Music and Black Culture in Contemporary America.** Hanover: University Press of New England, 1994.
26. SALDANHA, Jamil. **O corpo e a cidade: danças urbanas e a prática de resistência.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2018.
27. SANTOS SILVA, L. dos. **“Arrasa Mona”: os Grupos Independentes de Dança de Salvador como espaço dissidente.** *Revista Memória LGBT*, v. 6, n. 02, p. 61-68, 2021. Disponível em: <https://revista.memoriaslgbt.com/index.php/ojs/article/view/62>. Acesso em: 21 dez. 2024.
28. SAVIGLIANO, Maria Elena. **Dança e cultura de resistência: o papel da dança nas periferias urbanas.** Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2006.
29. SEDGWICK, Eve Kosofsky. **The Epistemology of the Closet.** Berkeley: University of California Press, 1990.
30. SEDGWICK, Eve Kosofsky. **The Epistemology of the Closet.** Berkeley: University of California Press, 1990.
31. SILVA, Ana Maria. **Corpos que resistem: a dança urbana como espaço de inclusão.** São Paulo: Editora Unesp, 2020.
32. SOUZA, Felipe. **Dança e resistência: corpos, identidades e práticas culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.
33. STRAZZACAPPA, M. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola.** *Cadernos CEDES*, v. 21, n. 53, p. 69-83, 2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jG6yTFZZPTB63fMDKbsmKKv>. Acesso em: 18 dez. 2024.

Questionário para Bailarinos/Dançarinos GLBTQI+ de Rio Branco – Acre

Objetivo: Este questionário visa compreender como as danças urbanas influenciam a construção de identidade de gênero e sexualidade entre os bailarinos/dançarinos da comunidade GLBTQI+ de Rio Branco, Acre. As informações coletadas serão usadas exclusivamente para fins de pesquisa acadêmica.

Instruções:

- Por favor, responda às perguntas de forma honesta e reflexiva.
- Não há respostas certas ou erradas. Suas vivências e perspectivas são extremamente importantes para a pesquisa.
- Caso se sinta desconfortável com alguma pergunta, você pode optar por não responder.

Seção 1: Informações Gerais

1. **Idade:**
 - Menos de 18 anos
 - 18-25 anos
 - 26-35 anos
 - 36-45 anos
 - Mais de 45 anos
2. **Gênero (como você se identifica?):**
 - Masculino
 - Feminino
 - Não binário
 - Transexual (especificar: _____)
 - Outro (especificar: _____)
 - Prefiro não dizer
3. **Orientação sexual (como você se identifica?):**
 - Heterossexual
 - Homossexual
 - Bissexual
 - Pansexual
 - Assexual
 - Outra (especificar: _____)
 - Prefiro não dizer
4. **A dança urbana foi seu primeiro contato com dança?**
 - Sim
 - Não
5. **Há quanto tempo você pratica danças urbanas?**
 - Menos de 1 ano
 - 1 a 3 anos
 - 4 a 6 anos
 - Mais de 6 anos
6. **Quais estilos de dança urbana você pratica? (Marque todos que se aplicam)**
 - Hip-hop Dance
 - Breaking
 - Popping
 - Locking
 - Krump



- () House Dance
- () Afro Dance
- () Waacking
- () Voguing
- () Jazz Funk Dance
- () Funk
- () Outro (especificar: _____)

Seção 2: A Dança e a Identidade

6. **Você acredita que a dança tem um papel importante na construção de sua identidade de gênero ou sexualidade?**

- () Sim
- () Não
- () Em parte
- Justifique**

sua

resposta:

7. **De que maneira você acredita que a dança urbana contribui para a afirmação da sua identidade de gênero e/ou sexualidade?**

- _____
- _____

8. **Em que medida você se sente confortável ou empoderado(a) ao expressar sua identidade por meio da dança urbana?**

- () Totalmente confortável
- () Parcialmente confortável
- () Nem confortável nem desconfortável
- () Parcialmente desconfortável
- () Totalmente desconfortável
- Explique**

sua

resposta:

9. **Você já vivenciou algum tipo de discriminação ou preconceito relacionado à sua identidade de gênero/sexualidade no ambiente da dança urbana?**

- () Sim
- () Não
- () Não sei
- Caso afirmativo, como foi essa experiência?**

10. **A dança tem servido como um espaço de resistência para você em relação à sua identidade GLBTQI+?**

- () Sim
- () Não
- () Em parte
- Justifique**

sua

resposta:

—

**Seção 3: A Dança como Espaço de Conexão e Comunidade**

11. **Você sente que a dança urbana proporciona um espaço de acolhimento e pertencimento dentro da comunidade GLBTQI+?**

- Sim
- Não
- Em parte

• **Explique** sua resposta:

12. **Como você vê a relação entre a sua identidade GLBTQI+ e o grupo de dançarinos/dançarinas com quem você pratica?**

- A relação é de total compreensão e apoio
- A relação é positiva, mas nem sempre de apoio total
- Há algumas dificuldades, mas o grupo é acolhedor
- Sinto que sou marginalizado(a) dentro do grupo

• **Explique** sua resposta:

13. **Você considera que as danças urbanas podem ser uma forma de protesto ou afirmação política para a comunidade GLBTQI+?**

- Sim
- Não
- Em parte

• **Justifique** sua resposta:

—

Seção 4: A Dança e a Representação da Comunidade GLBTQI+

14. **Você sente que a comunidade GLBTQI+ está bem representada nas manifestações de dança urbana em Rio Branco?**

- Sim
- Não
- Em parte

• **Explique** sua resposta:

15. **Você percebe alguma diferença no modo como a sua identidade GLBTQI+ é recebida em eventos de dança urbana comparado a outros ambientes (como festivais, apresentações públicas, competições)?**

- Sim
- Não
- Às vezes

• **Caso afirmativo, explique como é essa diferença:**

• _____

16. **De que maneira você acha que as danças urbanas podem influenciar a percepção pública sobre a comunidade GLBTQI+ em Rio Branco?**

- _____
- _____



Seção 5: Reflexões Finais

17. **Como você enxerga o futuro das danças urbanas como ferramenta de construção e afirmação da identidade na comunidade LGBTQIA+?**

- _____
- _____

18. **Há algo mais que você gostaria de compartilhar sobre a sua experiência com a dança urbana e a construção de sua identidade LGBTQIA+?**

- _____
- _____

Agradecemos pela sua participação e pelo tempo dedicado a este questionário. Sua contribuição é fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa.

Este questionário foi elaborado para coletar informações detalhadas sobre as vivências e experiências dos bailarinos e dançarinos LGBTQIA+ no contexto das danças urbanas, explorando a relação entre identidade de gênero, sexualidade e a dança como expressão cultural. As respostas permitirão uma análise mais profunda das dinâmicas sociais e culturais da comunidade LGBTQIA+ em Rio Branco, Acre.